

desvão¹

salete oliveira*

Poeira-infame

A moral do regime do castigo como resposta da ordem à peste, apresenta-se como um elemento articulador entre a peste e a política de segurança. Por sua vez, a conexão do duplo peste-abolição aponta para a demolição da ordem centralizada em torno da moral, investindo na transgressão e subversão dos efeitos políticos de contenção da peste, ou do que é edificado sob a conotação de pestilento. Frente à continuidade da existência de prisões, com grades ou não, como efeito do combate à peste, não interessa a reforma da teoria ou de suas instituições. Importa a afirmação interessada na demolição corrosiva da sujeição à moral encarcera-

* Doutora em Ciências Sociais e pesquisadora no Nu-Sol, professora do Departamento de Política da Faculdade de Ciências Sociais da PUC/SP.

dora e punitiva. Ela existe e independe do sono tranqüilo do carcereiro ou do agitado do reformador.

Por isso o abolicionismo penal interessa — e interessa neste caso como exercício da crueldade, entendida aqui não como metáfora, tampouco como sinônimo de derramamento de sangue, mas sim como apetite de vida lançado contra a lógica da representação, constituído dos mesmos elementos da peste. Ele instaura, analiticamente, o desvão trágico que reverbera na peste, aquilo que é insuportável para a própria política: não é o conflito da representação que a faz mais viva, é sua morte. Não à toa, os anarquistas consideram a democracia a forma mais livre para governos da liberdade linear, universal e fundada em direitos pontuais para a potencialização da liberdade com redução drástica de autoridade. Subverter a ordem, na atualidade do anarquismo, exige entre outras coisas interrogar até que ponto a democracia não é, também, a forma de maior estabilidade para perpetuar a autoridade no jogo das trocas de centralidade. Sob essa perspectiva, a democracia é o espaço que também se faz alvo da analítica genealógica.

O “Desvão” proveio da audácia de Artaud em remexer lá onde quase ninguém se atreveu. Naquilo que desperta a peste. Lá e aqui onde ela já se fazia presente. Presença incabível. Procedências vis da própria história. Procedências baixas demais para chamar a atenção da grandiloqüência da teoria interessam a Artaud, e é assim que se inicia o “Teatro e a peste”.

“Os arquivos da cidadezinha de Cagliari, na Sardenha, contém o relato de um fato histórico e incrível. Numa noite de fins de abril ou começo de maio de 1720, vinte dias antes de chegar a Marselha o navio *Grand-Saint-Antoine*, cuja atracação coincidiu com a mais ma-

Desvão

ravilhosa explosão de peste que fez borbulharem as memórias da cidade, Saint-Rémys, vice-rei da Sardenha, cujas reduzidas responsabilidades de monarca tinham-no talvez sensibilizado aos vírus mais perniciosos, teve um sonho particularmente aflitivo: viu-se como um pestilento e viu a peste arrasar seu minúsculo Estado. Sob a ação do flagelo, os quadros da sociedade se liquefazem. A ordem desmorona. Ele presencia todos os desvios da moral, todos os fracassos da psicologia, escuta em si mesmo o murmúrio de seus humores, corroídos em plena destruição, e que, num vertiginoso desperdício de matéria, ficam pesados e aos poucos metamorfoseiam-se em carvão. Será tarde demais para conjurar o flagelo? Mesmo destruído, mesmo aniquilado e pulverizado organicamente, e queimado em suas entranhas, ele sabe que não se morre em sonhos, que no sonho a vontade está presente de modo até absurdo, até o ponto de negar o possível, até uma espécie de transmutação da mentira com a qual se refaz a verdade. Ele desperta. Saberá mostrar-se capaz de dissipar todos esses boatos de peste que estão ocorrendo e esses miasmas de um vírus chegado do Oriente.”²

O *Grand-Saint-Antoine* é impedido de atracar em Cagliari, antes de seguir viagem para Marselha, seu porto de destino. Artaud me lançou para costas longínquas e próximas. Para o meio do oceano. Para um navio que existiu num tempo distante e que eu reinventei no presente, a partir do estancamento de seu nome. *Grand-Saint-Antoine*. O Desvão emerge da palavra estancada. Detalhe sutil agitado. Do desafio na tentação. No encontro amigo brotou a sugestão que eu *reparasse* no nome-navio. O desafio que me incitou a *reparar em algo menor* que fosse capaz de tocar o fogo da tentação-presença de Bosch. Encontrei-me entranhada no meio das coisas que provinham do incêndio no imprevisível do

mar. Água-fogo. Duplo heraclítico. Procedência-densa presente em Artaud e Foucault, parceiros que escolhi para compor com eles e extrair deles um pensar-ousadia que acompanha atos de insubmissão. Intensidades analíticas que envolvem o risco de uma escolha intensa.

Lorca é o parceiro poético que escolhi para convulsionar os movimentos que tecem o Desvão. Lorca presente. Foi meu jeito de navegar na travessia da concretude do sonho. Sonho-poema-concreto. Sonho que teimei em inventar. Num possível-encontro-absurdo-concreto. A presença de Lorca se deve a procedências múltiplas. E esta multiplicidade não está remetida a qualquer tipo de argumento ilustrativo. Lorca se fez presente por aquilo que provém do disparate no acaso, do gesto que leva a mão à estante em busca de reverberações vigorosas, quando a urgência do espaço exige da escrita um novo possível começo. Lorca invadiu meus dedos e se fez tessitura na nuvem de poeira que injetou meus olhos. Eu o redescobri na tensão da escritura que parecia impossível de caber na folha em branco de um difícil começo.

Lorca. Desvão de luz em trânsito. Lorca andaluz. Lorca nômade. Lorca homossexual escondido pelos surrealistas espanhóis. Lorca ultrapassagem. De Andaluzia a Nova York. Travessia de um Atlântico-Oceano.

O Lorca que me acompanha é um Lorca reescrito. Não busquei nele poemas aleatórios. Não usei e abusei dele como mecanismo de lirismo. Extraí, seqüestrei de Lorca momentos precisos de sua passagem por Nova York — 1929-1930, quando estudante na *Columbia University*. Ao exercício de leitura e seleção dos poemas escritos nesse período, somou-se meu exercício de edição. Interferência deliberada em reinventá-los para meu benefício próprio. Na urgência que exigia o princípio de vida deste texto. Não como origem, mas como um desli-

Desvão

zamento, um espasmo que só deixa seus vestígios. Os poemas de Lorca reinstauram-se no Desvão a partir de fragmentos tensionados no desassossego da proximidade da peste. Do viver cruel da peste. Do que há de incontível no sonho. Da poeira que o sonho levanta.

Lorca arremessa Nova York para dentro do Desvão e eu me arremesso nas exterioridades dela. Superfícies sinuosas do espaço-lugar de atração e repulsão. Da Nova York lugar que cabe quase tudo. Da Nova York tentação. Da Nova York de primeira viagem. Da Nova York descoberta em anarquista companhia. Experimentada na coexistência inquieta, amiga. Viagem-acontecimento.

Nova York, passagem estreita no deslocamento da Europa à América. Maçã disforme, esguia para o alto. Espreada no avanço de margens tênues. Vibração fugaz da lâmina que corta a retina. Incitação propícia de marcas da *Viagem à Lua* de Lorca, resposta-poema ao *Cão Andaluz* de Buñuel. Lorca-Buñuel amado de Lorca. Lorca-Buñuel amigo de Lorca. Silêncio. *Viagem à Lua*, acerto estético entre amigos. Ousadias-agudas-cortantes. Demolição crueza incidindo nas interceptações modernas: o sexo e a política.

O Lorca que me incita é o poeta que não dá as costas à política. É o Lorca-corpo. Arrisquei-me nesta brecha para afirmar uma outra coisa diferente daquela que reserva à Obra-Lorca a chancela desinteressada da política, porque desprovida de vínculos institucionais e partidários. Valorizei no Lorca-corpo-anarquista sobressaltos estéticos que são intoleráveis para a política. Naquilo que também foi insuportável para os autoritários da esquerda e da direita no acontecimento da Guerra Civil Espanhola. O autoritarismo, de vertentes complementares, que assassinou Lorca. No seu corpo jamais encontrado. Não parti em busca do cadáver, tampouco da

causa de sua morte. Experimentei de Lorca a ausência que se faz presente. Presença exuberante. Lorca-presente-amigo.

No desvão habita a peste.

Pedra-poema

Do mar de um azul possível corais longínquos traçam espumas de pedras em superfícies quase tangíveis, de um sempre fugidias.

ROCHA. Rocha-viva. “Ondas queimam rochas com seu sal”. Quase névoa. Ainda não. ROCHA.

Abaixo do Equador. Rio de Janeiro. Pedra do Arpoador. Pôr-do-sol. Quase. Meninos fugidios. VIVOS. Subversão. A prisão ficou para trás. Onde? ABOLIÇÃO! Cada um deles rasga a tela de Pixotes-Babencos. A voz de Lílica reinventa a PEDRA-POEMA em “Força Estranha”. “Eu vi um menino correndo, eu vi o tempo, brincando ao redor do caminho daquele menino (...) Eu vi a mulher preparando outra pessoa (...) a vida é amiga da arte”. Espaço céu alaranjando-vermelho. Espaço água azul cintilando-laranja. Espaço incendiando. Pôr-do-sol. Agora sim. Aquém do ocaso. Além do anseio. Aquém do anseio. Além do ocaso. Crianças-arpoadores arremessam suas flechas além mar. Além do bem e do mal.

“Búzio

Trouxeram-me um búzio.

Dentro dele canta

um mar de mapa.

Meu coração se enche de água

verve

Desvão

com peixinhos
de sombra e prata.

Trouxeram-me um búzio.”³

Vento-sul

Um beijo na boca. Línguas se entrelaçam confusas em salivas viscosas, densas. Pôr-do-sol num céu de bocas escorregadias. A garganta resseca. Respiração acelerada. Lençóis ensopados no corpo que se debate na cama real. A garganta adentro. Adentro. Ardendo. Já é noite grande. O navio ao longe se aproxima em outras e mesmas águas. Névoa turva. Garganta escura. Falta o ar. Vento sudoeste agita furiosamente as águas. Navio-névoa. Vento sul. A chama da vela se apaga. O corpo enrijece os músculos freneticamente. O cheiro de carne invade as narinas e os poros. Carne humana. A névoa não era névoa, era o cheiro desenhado no ar. O nome. O nome. O nome do navio. O cheiro impede de ver. Saliva densa, o cheiro espesso. Traquéia, passagem estreita. Estômago. Mar verde. Vermelho vivo. Madeira esculpida. Nome navio inscrito. Nova tentativa. Tentação. Alto relevo. Nome-navio: *Grand-Saint-Antoine*.

Grand-Saint-Antoine. “Tentações de Santo Antônio”. Hieronymus Bosch pincela sobre a madeira no avesso do casco, imprimindo negativos de outros pés que lhe fazem companhia. Suas narinas se dilatam e assumem as feições das máscaras narigudas inscritas no tríptico das “Tentações”, irrompendo no limiar do medieval e do moderno. O fogo nas “Tentações”, crepitando a lembrança do incêndio que assolou Hertogenbosch na infância.

Grand-Saint-Antoine. O fogo de Bosch é apanhado por Antonin Artaud, incendiando a crueldade em um “es-

petáculo giratório”, vertiginoso. Teatro da crueldade. “Espetáculo de tentações”. “(...) as coisas da natureza exterior surgem como se fossem tentações.”⁴

Grand-Saint-Antoine. Gustave Flaubert versa em prosa as “Tentações”, os animais marinhos arrastam-se sobre a areia. “Povos diversos vivem no país do Oceano. Uns estão na habitação das tempestades, outros nadam a plenos braços nas transparências das ondas frias, pastam como bois em planícies de coral, aspiram pela trompa o reflexo das marés, ou carregam aos ombros o peso das nascentes do mar.”⁵

Grand-Saint-Antoine. O posfácio das *Tentações* de Flaubert por Michel Foucault. “Prazerosamente, lê-se *La tentation* como o protocolo de um devaneio deliberado. Ela seria para a literatura o que Bosch, Brueghel ou Goya dos *Caprices* puderam ser para a pintura. (...) Ora, no que se refere a sonhos e delírios, sabe-se agora que *La tentation* é um monumento de um saber meticuloso.”⁶ A cantiga entoada pela “Nau dos Loucos” de Bosch embala o brinquedo-comida? que pende do mastro, talvez a cabeça de Lucas ou o cu de Nicodemus. A iguaria vertiginosa, o brinquedo cruel à espera da devoração. A cabeça de Lucas e o cu de Nicodemus dançam graciosamente, pavorosamente sob olhos curiosos e estarecidos. A “Stultifera navis” de Foucault.

“Esta navegação do louco é simultaneamente a divisão rigorosa e a Passagem absoluta. (...) Ele é colocado no interior do exterior e inversamente. Postura altamente simbólica e que permanecerá sem dúvida a sua até nossos dias, se admitirmos que aquilo que foi fortaleza visível da ordem tornou-se agora castelo de nossa consciência.”⁷

A tensão do trágico dilacerando a *Narrenschiff*, prisão-passagem de uma “carga insana”, embarque marcado pela viagem errante do “prisioneiro da passagem”.

verve

Desvão

Urge a ousadia da ultrapassagem, nela mesma, na prisão da passagem. Na encruzilhada de seu incessante limiar.

“Ode ao rei de harlem

(...) Aquela noite o rei de Harlem
com uma duríssima colher
arrancava os olhos dos crocodilos
e batia no traseiro dos macacos.

(...)

O sangue não tem portas em vossa noite boca
acima.

Não há rubor. Sangue furioso por baixo das peles,
vivo na espinha do punhal e no peito das paisagens,
sob as pinças e retamas da celeste lua de câncer.

Sangue que busca por mil caminhos mortes es-
farinhadas e cinza de nardo,

céus hirtos em declive, onde as colônias de pla-
netas
rodam pelas praias como os objetos abandona-
dos.

(...)

Um vento sul de madeira, oblíquo no negro lodo,
cospe nas barcas partidas e crava pontilhas nos
ombros;

um vento sul que leva
colmilhos, girassóis e alfabetos
e uma pilha de Volta com vespas afogadas.

(...)

Ai, Harlem disfarçada!
Ai, Harlem, ameaçada por gente de trajas sem cabeça!
Chega-me teu rumor,
chega-me teu rumor atravessando troncos e ascensores,
através de lágrimas cinzentas,
onde flutuam teus automóveis cobertos de dentes,
através dos teus cavalos mortos e dos crimes diminutos
através de teu rei desesperado,
cujas barbas chegam ao mar.”⁸

Fios-e-nós

A peruca encaracolada sobre a mesa, ao lado da cama, cintila gotículas de suor desesperado. Espreita encharcada o corpo sedento e árido no leito real. Num vaivém de náusea. Movimentos peristálticos. A peruca encharcada de suco gástrico. A peruca encaracolada branca. O cabelo do baile. A peruca biliar. O estômago embrulhado por fios de cabelo. A visão do navio embaçada por chumaços de cabelo. Os fios longos de seus mastros. O convés repleto de corpos que dançam e serpenteiam. Urros guturais ecoam de figados embriagados e sedentos por mais. Muito mais. A encosta MAIS ao longe contempla a nau. Rebate o vento agudo que uiva um aceno de despedida breve. A peruca sobre a mesa se descabe-la. A nau não tarda. Não tarda. Rumores trazem seus ventos. O corpo na cama dá um giro de 180° em sobresalto. Ventos de 45 nós. Rumores-Humores.

“Corpo presente
(...)”

Desvão

Eu vi chuvas cinzentas correrem rumo às ondas
levantando seus ternos braços esburacados,
para não ser caçadas pela pedra estendida
que desfaz seus membros sem se empapar em san-
gue.
(...)⁹

Cinza-intempestivo

A ultrapassagem em guerra consigo mesma. A audácia do perigo. Um estrondo cinza. Os fios se fizeram raios. Diferentes águas confundem-se em um horizonte próximo e encharcam, salobramente, rostos turvos de nuvens em queda e ondas em ascensão. Águas em explosão anunciam os vestígios de outros embarcados em um cais distante. Danças temíveis, de pernas para o ar. Prenúncio de estrondosas gargalhadas corrosivas a provocar vales em ondas de mar. Nietzsche-Zaratustra, também, está a bordo. Na borda do convés seus mortais acrobáticos desafiam o duplo das águas. Rompe seu hiato de sons. Ruptura-dança. Ruptura-coragem.

“Tão logo entre os tripulantes se soube que Zaratustra estava a bordo — pois um homem, vindo das ilhas bem-aventuradas, subira com ele para o navio — houve grande curiosidade e expectativa. Mas Zaratustra guardou silêncio durante dois dias, frio e surdo de tristeza, a tal ponto que não respondia nem a olhares nem a perguntas. Na noite do segundo dia, contudo, tornou a abrir os ouvidos, se bem que ainda se mantivesse calado: porque havia muita coisa estranha e perigosa para ouvir-se, nesse navio, que vinha de longe. Mas Zaratustra era amigo de todos os que empreendem longas viagens e não gostam de viver sem perigo.”¹⁰

Foi no meio da noite alta de goles imensos que Nietzsche-Zaratustra irrompeu sobre si mesmo, sobre a imensa embarcação, sobre os demais embarcados, sob gestos e palavras que não têm tempo a perder, pois o que diz e ouve pertence ao espaço. “Amo todos aqueles que são como pesadas gotas caindo, uma a uma, da negra nuvem que paira sobre os homens: prenunciam a chegada do raio e perecem como prenunciadores. Vede, eu sou o prenunciador do raio e uma pesada gota da nuvem; mas esse raio chama-se ‘super-homem’.”¹¹

E ele ouviu e disse de seu amor pela metamorfose. Aquela que se arrisca ao perigo. Amor cruel. Disse em gestos e sons exasperadamente lúcidos. “Todo grande amor, não quer amor, quer mais do que isso!” Num só golpe no espaço a noite já se faz distante. Brilha o alto meio-dia. O espaço subverte o tempo. Inútil deter-se na passagem das horas. Subverte-se a rotação. Não há caminho, método ou modelo. O assassinato da rotação anuncia outras rotas de ocaso. De seu próprio ocaso. O acaso que gira sobre si mesmo. A destruição do espírito de gravidade instaura o inominável naquela que se nomeia a Terra. Sua existência é inventada: Não a Terra, mas “a leve”. O amor da metamorfose.

“Isso dissera Zaratustra ao seu coração quando o sol estava no meio-dia; volveu, então, para o alto um olhar indagador — pois ouvia sobre a sua cabeça o grito agudo de uma ave. E eis que viu uma águia voando em amplos círculos no ar e dela pendia uma serpente, não como presa, mas como amiga, pois se segurava enrolada em seu pescoço. “São os meus animais!”, disse Zaratustra, regozijando-se de todo coração. O animal mais ativo debaixo do sol e o animal mais prudente debaixo do sol — saíram em exploração.”¹²

Desvão

Nietzsche-Zaratustra desliza com passos leves, quase imperceptíveis, até a proa do navio. Seus gestos minúsculos destoam da borrasca que os havia atormentado durante a noite. Combinam de imediato com a calma que se espalha em alto mar. Prepara-se para mais algum acontecimento surpreendente. Rasga pergaminhos enrolados em planos de rotas. Faz chover sobre o navio pedaços de planos de viagens. Outra vez mais desafia métodos, modelos, planos, caminhos servis traçados por outrem.

Convida a superfície das águas para que crepitem em estranha rebeldia. Não carece de espelhos. A maresia invade suas delicadas e criteriosas narinas. Instrumentos preciosos. Deixa-se embriagar. Debruça sobre a proa, com meio corpo suspenso no ar. Não passa de um jogo de forças. Uma dança diferente como quem brinca com suas próprias fibras.

“Pudesse eu ser mais prudente! Pudesse eu ser prudente por natureza, como a minha serpente! Mas estou pedindo o impossível; assim, peço à minha altivez que acompanhe sempre a minha prudência. E, se algum dia, a minha prudência me abandonar — ah, como gosta de bater asas! —, possa a minha altivez, então, voar ainda em companhia da minha loucura!” Assim começou o caso de Zaratustra.¹³

O que se passa, a partir de então, parece a olhos desavisados uma realidade improvável. Nietzsche-Zaratustra-Objeto. Nietzsche-Zaratustra-Carranca. Brinquedo-metamorfose. O semblante sombrio se torna disforme. Assume cores variadas em espectros giratórios sob a pele. Muda várias vezes de pele. Carranca. Cara escancarada nua. Ondulatória. Antropomórfica. Zoomórfica. A serpente hirta sinaliza um caminho sem igual se fazendo. O navio segue. A serpente se abre em duas,

formando um vistoso leque de penas. O leque fechado vai se abrindo em asas. Os braços-águia de Nietzsche-Zaratustra batem na vertical. Descansam na horizontal, planando sobre as águas. O mar brinca de decomposição. Brinca de arco-íris. Brinca de matizar a espuma e o sal.

O Grand-Saint-Antoine ostenta em sua viagem a Carranca-Nietzsche-Zaratustra apontando o possível salto sobre cumes e abismos de vagas, fazendo seu próprio caminho, em estrondosa gargalhada. Sabendo rir de si mesmo. Não se trata de ilusão ou realidade improvável, e os olhos dos embarcados se fazem mais sensíveis diante de horizontes enrubescidos na presença de tantos sóis.

A noite vem larga e traz uma lua estreita, espremida entre nuvens pesadas que, rapidamente, inundam o céu. A água se condensa e penteia longamente seus fartos cabelos. Metamorfoseia a própria água que inunda nuvens já impossíveis de serem vistas. O céu se torna baixo sobre as cabeças que correm em enorme tumulto. A mistura do sal tinge os corpos de um líquido amarelo-quente, brotada de todos os cantos e músculos. Bexigas transbordantes inundam o convés que recende sua própria pintura amarela, iluminando a noite. Urina reluzente.

“Paisagem da multidão que urina

(...)

Ficaram sozinhos e sozinhas,
sonhando com os bicos abertos dos pássaros agonizantes,
com o agudo guarda-sol que fura
o sapo recém esmagado,
sob um silêncio com mil orelhas
e diminutas bocas de água
nos desfiladeiros que resistem

verve

Desvão

ao ataque violento da lua.
Chorava o menino do veleiro e se partiam os corações
angustiados pelo testemunho e vigília de todas as coisas
e porque ainda no solo celeste de negras pegadas
gritavam nomes escuros, salivas e rádios de níquel.
Não importa que o menino se cale quando lhe cravam o último alfinete,
(...)
A lua! Os policiais! As sirenas dos transatlânticos!
Fachada de crina, de fumaça; anêmonas, luvas de borracha.
Tudo está roto pela noite,
aberta de pernas sobre os terraços.
Tudo está roto pelos tíbios canos
de uma terrível fonte silenciosa.
Oh, gentes! Oh, mulherzinhas! Oh, soldados!
Será preciso viajar pelos olhos dos idiotas,
campos livres onde silvam mansas cobras deslumbradas,
paisagens cheias de sepulcros que produzem fresquíssimas maçãs,
para que venha a luz desmedida
que temem os ricos por trás de suas lupas,
o odor de um só corpo com a dupla vertente de lírio e rata
e para que se queimem estas gentes que podem urinar em redor de um gemido
ou nos cristais onde se compreendem as ondas nunca repetidas.”¹⁴

Vurmo-ardor

A atmosfera do quarto assume odores ácidos. O tom da mobília oscila entre um ocre agudo que teima em gritar verde. O corpo na cama real explode em verrugas purulentas que conversam entre si. Cochicham libidinosas sobre o corpo interdito. As longas unhas dos pés espicham-se em imensos caracóis e adentram nos túneis escuros do nariz.

A peruca de esquelha se refestela. Recompõe-se. Anela, comportadamente, seus próprios cachos. Os caracóis de unhas abandonam, momentaneamente, o nariz e descem até os lábios finos, invadindo a boca mal traçada, desacostumada de rir; vencem a barreira da língua afastando-a em curvas, até alcançarem a garganta, arranhando-a, provocando-a. Retiram-se, rápidas, aguardando a primeira golfada. O longo camisolão empapa-se em restos azedos da suntuosa ceia. Emoldura o corpo franzino, em um mosaico de restos mal digeridos. O corpo-armadura, prisioneiro de sua própria indigestão. O corpo soberano agônico. Ameaçado pela subversão de um navio que transporta carga tão perigosa.

“Paisagem da multidão que vomita
(...)
Chegavam os rumores de selva do vômito
com as mulheres vazias, com meninos de cera
quente,
com árvores fermentadas e camareiros incansáveis
que servem pratos de sal sob as arpas da saliva.
Sem remédio, meu filho, vomita! Não há remédio.
Não é o vômito dos hussardos sobre os peitos da
prostituta,

verve

Desvão

nem o vômito do gato que engoliu uma rã por descuido.

São os mortos que arranham com suas mãos de terra

as portas de pedernal onde apodrecem desgraças e sobremesas.

A mulher gorda vinha adiante
com as gentes dos barcos, das tabernas e dos jardins.

O vômito agitava delicadamente seus tambores
entre algumas meninas de sangue
que pediam proteção à lua.

Ai de mim! Ai de mim! Ai de mim!

Esta olhada minha foi minha, mas já não é minha,

esta olhada que treme nua por causa do álcool
e lança barcos incríveis
pelas anêmonas do cais.

Defendo-me com esta olhada
que mana das ondas por onde a aurora não se atreve,

eu, poeta sem braços, perdido
entre a multidão que vomita
sem cavalo efusivo que corte
os espessos musgos de minhas fontes.

(...)”¹⁵

Fogo-água: ardentia.

Constelações de estrelas animam o céu, desenhando animais vigorosos e presenças esparsas entre vida e morte de anos-luz. “Acendendo-se em medidas, apagan-

do-se em medidas”. ORIENTE-OCIDENTE. A estrela polar norte grita: norteie-se. O cruzeiro do sul replica, rouco: sulize-se. Oriente. Oriente-se. Ocidente. Acidente. Acidente-se. Acidental. Abismal. Ausente. “Lua, diamante concentrado do dia”. A ausência da lua se faz cada vez mais presente e prepara surpresas para águas de algas.

Do alto do mastro central ouve-se um grito. É Heráclito ecoando sua própria descida. Desliza pela vela aberta, traçando um deslocamento urgente. Incendeia objetos no espaço. “A rota para cima e para baixo é uma e a mesma.”¹⁶

O misantropo atacado por mais uma hidropisia se retira dos montes altos e atravessa o convés em movimentos duplos. Densos. Tensos. A discórdia no orgulho. A altivez guerreira. A barriga em fogo e água. Urgência que sabe que o mundo dos deuses não faz parte de seu mundo. Disputa em torno do objeto imediato. Exige, em vão, que lhe provoquem um aguaceiro ou uma seca. “Saúde e doença são indissociáveis”. A procura da justiça não passa de grosseira estupidez inventada por adultos domesticados.

Na exterioridade da noite escura, as algas que alimentam Heráclito preparam entre plânctons e sal um saboroso espetáculo, cuja vertigem convida os sentidos e instintos para mais um jogo de forças. Vida e morte no espaço de uma fração de segundo. A tensão indissociável de contrários. “Imortais mortais, mortais imortais, vivendo a morte daqueles, morrendo a vida daqueles.”¹⁷ O mar fosforesce em estilhaços de luz que não liberam calor. Vidas minúsculas nascem e morrem no espaço fugaz de um instante. O átimo de vida reverbera o fogo na água. Por vezes em grandes chamas, em vestígios da espuma que vagueiam no rastro da passagem

verve

Desvão

do navio. Por vezes em milhares de gotículas de água-fogo que se fazem verdes e azuis. Fosforescência marítima em noites sem lua. A água do mar em fogo iluminando danças de peixes e lulas que se atrevem na superfície por puro prazer estético. Heráclito-criança brinca com a água do mar em fogo. Ardentia. Fogo heraclítico. Reverberações incendiárias.

A aurora

(...)

A aurora chega e ninguém a recebe na boca porque ali não há manhã nem esperança possível.

Às vezes as moedas em enxames furiosos tradeiam e devoram meninos abandonados.

Os primeiros que saem compreendem com seus ossos

que não haverá paraíso nem amores desfolhados; sabem que vão ao lodaçal de números e leis, aos brinquedos sem arte, a suores sem fruto.

A luz é sepultada por correntes e ruídos em impudico reto de ciência sem raízes.

Pelos bairros há gentes que vacilam insones como recém-saídas de um naufrágio de sangue.¹⁸

Atracção

O corpo náufrago na cama real se estilhaça em iras de desespero. Pavor do ataque à sua soberania. Seu sexo se encrespa em um membro inerte povoado de escamas afoitas diante de tamanha crueldade trazida a bordo.

Sonambuliza, inutilmente, em busca de sua peruca. Insignia soberana, que é capaz de defender, a ele e a seus súditos, da anarquia incontível que se aproxima daquele território gasto de fronteiras invisíveis. Seu corpo se transveste esvoaçante em um vestido de fada salvadora que deve conjurar o insuportável. Seu transformismo caricato tropeça em seu próprio ornamento. Lança-se contra as colunas do imenso aposento, atacando o que ele acredita gigantes da desordem. Espeta-as com sua varinha de condão. Faz planos de contra-atacar. Balbucia palavras desconexas em torno das cinco colunas que ele mesmo nomeia. O som é inaudível. O ronco do mar encobre-lhe a voz que profere um grito mudo. O *Grand-Saint-Antoine* adentra na baía. O corpo real vira uma enorme boca escancarada, pedindo segurança, atada em seu perpétuo sono covarde, presa às colunas gigantes que sua soberania ergueu.

“Cidade sem sonho

Ninguém dorme pelo céu. Ninguém, ninguém.

Não dorme ninguém.

As criaturas da lua ressumam e rondam suas cabanas.

Virão as iguanas vivas morder os homens que não sonham

e o que foge com o coração partido encontrará pelas esquinas

o incrível crocodilo quieto sob o terno protesto dos astros.

(...)

Não é sonho a vida. Alerta! Alerta! Alerta!

verve

Desvão

Caímos das escadas para comer a terra úmida
ou subimos pelo fio da neve com o coro das dalias
mortas.

Mas não há esquecimento, nem sonho:
carne viva. Os beijos atam as bocas numa mara-
nha de veias recentes
e a quem dói a sua dor, doer-lhe-á sem descanso
e a quem teme a morte há de carregá-la nos om-
bros.

(...)

Não dorme ninguém pelo mundo. Ninguém, nin-
guém.

Já o disse.

Não dorme ninguém.

Mas se alguém tem à noite excesso de musgo nas
fontes,

abri os escotilhões para que veja sob a lua
as copas falsas, o veneno e a caveira dos teatros.”¹⁹

flechas incendiárias
arremessadas por crianças-arpoadores

a

t

i

n

g

e

m

a cidade de Cagliari

O vice-rei da Sardenha acorda. **Fade-out.**

Notas:

¹ Trecho, com algumas modificações, extraído de minha tese de doutorado *Política e peste: crueldade, Plano Beveridge e abolicionismo penal*. São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP, 2001.

² Antonin Artaud. *O teatro e seu duplo*. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo, Max Limonad, 1984, pp. 25-26.

³ Federico García Lorca. *Obras Poéticas Completas*. Tradução de William Agel de Mello. São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 287.

⁴ Antonin Artaud, 1984, op. cit., p. 112.

⁵ Gustave Flaubert. *A tentação de Santo Antônio*. Porto, Livraria Chardron, 1902, p. 226.

⁶ Michel Foucault. “Posfácio a Flaubert (A tentação de Santo Antônio)”, in Manuel Barros da Motta (org.) *Estética: literatura e pintura, música e cinema. Ditos e escritos III*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2001, pp. 76-77.

⁷ Michel Foucault. *História da loucura na Idade Clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo, Perspectiva, 2000, p. 12.

⁸ Federico García Lorca, 1999, op. cit., pp. 427-429-431.

⁹ Idem, p. 517.

¹⁰ Friedrich Wilhelm Nietzsche. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Silva. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998, pp. 190-191.

¹¹ Idem, p. 40.

¹² Ibidem, p. 48.

¹³ Ibidem, p. 49.

¹⁴ Federico García Lorca, 1999, op. cit., pp. 441-443.

¹⁵ Idem, p. 439.

¹⁶ Heráclito de Éfeso. *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. Traduções de José Cavalcante de Souza et al.. Coleção Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1985, [fragmento 60], p. 85.

¹⁷ Idem, [fragmento 62], p. 85.

¹⁸ Federico García Lorca, 1999, op. cit., p. 453.

¹⁹ Idem, pp. 447-449.

RESUMO

A moral do regime do castigo como resposta da ordem à peste, apresenta-se como um elemento articulador entre a peste e a política de segurança. Frente à continuidade da existência de prisões, com grades ou não, como efeito do combate à peste, não interessa a reforma da teoria ou de suas instituições. Importa a afirmação interessada na demolição corrosiva da sujeição à moral encarceradora e punitiva.

Palavras-chave: peste, teatro da crueldade, abolicionismo penal.

ABSTRACT

The moral of punishment regime, as an answer of the establishment to the pest, presents itself as an articulating element between pest and security policy. In face of the continuity of the existence of prisons, with or without bars, there is no interest in the reform of theory or its institutions. It only matters the assertion interested in corrosive demolition of subjection to imprisoning and punitive moral.

Keywords: pest, theatre of cruelty, penal abolitionism.

Recebido para publicação em 17/10/2005. Confirmado em 31/07/2006